



Discurso, formação e controvérsias: uma entrevista com Sírio Possenti

Sírio Possenti¹, Pedro Navarro^{2*} e Carlos Piovezani³

¹Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. ²Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Língua Portuguesa, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. ³Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: navarro.pl@gmail.com

Received on December 18, 2023.

Accepted on December 18, 2023.

Introdução

Atos criativos derivam de uma potencialidade da condição humana. Compartilhamos com outras espécies atividades necessárias de sobrevivência e gestos básicos de modificação de ambientes. Mas, somente a humana é capaz de alcançar a autonomia, ou seja, a liberdade que conquistamos, quando nossas ações ultrapassam as obrigações da 'zoé', da vida limitada à sua dimensão biológica, e certas determinações sociais. Essa potencialidade apenas se torna ato no exercício efetivo da arte do encontro. É no encontro com o outro diverso que temos a chance de sair transformados e ainda abertos a outras transformações. Não há criação inventiva sem elas. Quando bem aprendida e experimentada, a lição de Hannah Arendt sobre a *vita activa* melhora bastante a qualidade do debate acadêmico e do desenvolvimento científico.

No meio de nosso caminho pela Análise do discurso, encontramos os trabalhos, para muitas e muitos de nós, incontornáveis de Sírio Possenti. Como costuma ocorrer, encontramos primeiramente parte da obra e, só depois, seu autor. Acreditamos ter saído modificados e mais modificáveis desse encontro. Se vamos conseguir ou não inventar algo criativo e relevante a partir dele, é outra coisa e só o tempo dirá. Porém, as condições para isso, em larga medida, nos foram e nos são oferecidas por encontros, tais como esse que tivemos com o Sírio.

É de desdobramentos desse encontro que deriva esta entrevista. Temos aqui a grata satisfação de torná-la disponível para a comunidade acadêmica e para as pessoas que acompanham seus trabalhos. Sírio respondeu as nossas questões por e-mail, em dezembro de 2023, mas, para nossa sorte, já tivemos oportunidade de ouvir pessoalmente ao menos partes de suas respostas em eventos científicos e em ocasiões menos protocolares.

Quando lhe formalizamos o convite, para nossa satisfação, Sírio o aceitou prontamente. Mais do que isso: disse que se sentia honrado com o convite. A recíproca é verdadeira e a honra, desigual. Evidentemente, ficamos mais honrados nós de entrevistá-lo do que ele de ser por nós entrevistado. Essa honra, que já compartilhávamos na elaboração das perguntas e ainda mais no recebimento de suas respostas, se deve a alguns motivos em comum. Tivemos, e continuamos a ter, o privilégio de desfrutar, mesmo que em menor intensidade do que desejaríamos, da companhia deste grande professor e pesquisador do discurso, que tem contribuído decisiva e diretamente para nossa formação e para nossas pesquisas, assim como também tem feito para a formação e para os trabalhos de muitos outros iniciantes e iniciados na Análise do discurso. Se a experiência é bem aproveitada, pouca gente que faz AD, como se costuma dizer, sai da audiência de suas aulas, cursos e conferências ou da leitura de seus textos sem a tomada de consciência de que pode e deve melhorar suas reflexões e análises. Em suas intervenções e em sua vasta produção bibliográfica, Sírio sempre nos provoca e nos incentiva a desconfiar de postulados e noções, de procedimentos e condutas, que tendem a perder força heurística, à medida que se tornam excessivamente repisados no campo dos estudos da linguagem, em especial nas práticas de análise discursiva.

Tivemos ainda a sorte de contar com o Sírio como leitor de alguns de nossos textos, com a franqueza de suas críticas e com a gentileza de seus incentivos. Um de nós teve Sírio em sua banca de doutorado e como supervisor de pós-doutoramento e ainda organizou com ele uma obra coletiva (Navarro & Possenti, 2012), enquanto o outro foi seu aluno numa de suas disciplinas ministradas no Programa de Pós-Graduação em

Linguística na Unicamp e dividiu recentemente com ele a autoria de dois curtos textos e ainda a tradução não publicada de um belo livro (Possenti, Curcino & Piovezani, 2020; Piovezani & Possenti, 2023). Essas e outras circunstâncias concorreram para o estabelecimento de contatos mais próximos com seus trabalhos e com os de outros integrantes de seu Grupo de pesquisa. Durante essas experiências, testemunhamos a introdução que Sírio operava no campo da Análise do discurso de noções pouco ou até então não utilizadas, bem como de uma diversidade de autores que refletem sobre a linguagem, sem a necessária consagração de algum nicho acadêmico ou a filiação dogmática a certo domínio do conhecimento.

Em sua mais recente obra, *Experimentos em análise do discurso* (Possenti, 2023), cuja qualidade já foi reconhecida por Carlos Alberto Faraco e por Dominique Maingueneau, Sírio nos dá novamente provas dessa recusa de um dogmatismo teórico ou indica a produtividade do reexame de certas noções, em razão de especificidades dos dados. Não há meias palavras nesta sua afirmação: “Não me agrada (não consigo) seguir um autor, morrer por ele” (Possenti, 2023, p. 7). Por outro lado, as ideias, os princípios e os métodos têm um lugar especial em suas reflexões. Diante da pluralidade de conceitos e procedimentos, Possenti (2023, p. 7) diz que faz “[...] experimentos [...]”. Mas, de fato, como de costume, ele entrega bem mais do que isso: inventa, inova e aponta caminhos para que outras e outros de nós também busquem fazê-lo. O gesto é simples e elegante: ele parte de um dado, mobiliza teoria e método e analisa com agudeza a singularidade da materialização de discursos, apontando para o modo como na circulação ordinária dos enunciados se concentram decisivas ações políticas. Em *Experimentos*, isso ocorre em análises de termos e expressões como ‘eleger um poste’ e ‘golpe’ (Possenti, 2023).

Quando da formulação de nossas questões, sugerimos um itinerário para que Sírio pudesse tratar i) de sua relação com a linguagem, revisitando seu passado, ainda como aluno, ii) das professoras e dos professores que tiveram uma importante presença em sua formação escolar e em sua trajetória acadêmica, iii) de seu encontro com a Análise do discurso, iv) de seu posicionamento em relação à teoria e às práticas da AD desenvolvidas atualmente no Brasil e ainda v) da especificidade do universo digital, das ditas redes sociais e de seu próprio e relativamente peculiar uso dessas redes. Sírio o faz, supomos, subscrevendo a ideia de que há uma diferença entre os intelectuais que pretendem exercer o papel da ‘consciência’ e da ‘eloquência’, ao cumprir a função de dizer a verdade àqueles que ainda não a veem e em nome daqueles que supostamente não podem dizê-la, e aqueles que descobriram que, segundo Foucault (2007, p. 70) “[...] as massas não necessitam deles para saber; elas sabem perfeitamente, claramente, muito melhor do que eles; e elas o dizem muito bem”. Logo, o problema não está na necessidade de um guia e de um porta-voz, mas reside no funcionamento e nos efeitos de relações de poder e da ordem do discurso: ‘existe um sistema de poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber’. Sírio se inscreve nessa posição de quem luta “[...] contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, objeto e instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da ‘consciência’, do discurso” (Foucault, 2007, p. 70-71, grifo do autor).

Tal como se dá em boa parte de sua obra, aqui também as formulações são sem pose e feitas por vezes num tom informal, mas não carecem de franqueza e controvérsia. Afinal, ecoa frequentemente em sua voz a lição de um dentre os pensadores que participaram de sua formação: “[...] o que faz a ciência ‘avançar’ são as controvérsias”, conforme o próprio Sírio afirma aqui mesmo nesta entrevista, ao mencionar o professor Marcelo Dascal. Se elas estão quase ausentes da crítica e da ciência praticadas atualmente por aqui, em particular no domínio da AD, Sírio não tem responsabilidade nisso. Já há um bom tempo, ele tem feito sua parte. Quem o encontrou pelo caminho sabe disso e só não se transformou nem se abriu a novas e promissoras transformações e à potencialidade de experiências de autonomia, se ainda não soube se aproveitar devidamente da sorte e dos efeitos desse encontro.

Eis o texto integral da entrevista realizada com este professor, pesquisador, analista e ensaísta, que é também um dos mais destacados nomes da Linguística brasileira.

Entrevista

P. N. e C. P.: Gostaríamos de começar pela linguagem. Em seu memorial para o concurso de professor titular da Unicamp (Possenti, 2020), você faz referência a situações de experiência pessoal das relações entre língua e sociedade e, talvez, a certa tomada de consciência sobre essas relações. O fato de você falar Bergamasco, antes de Português, fazia com que seu sotaque provocasse risadas dos colegas de seminário, conforme seu relato. Você se lembra de outras situações semelhantes? Acredita que essas experiências contribuíram para um esforço redobrado de sua parte para dominar a norma padrão da Língua portuguesa e

tentar escapar de estigmatizações sociais de sua fala? Você se recorda do modo como reconfigurou essas experiências, quando de seus primeiros contatos com a sociolinguística?

S. P.: Na minha mais remota infância, não sofri gozação por causa de meu sotaque, porque ele era partilhado por todos no local em que eu morava. No seminário, houve alguns episódios, mas eles ocorriam com muita gente. A população do internato se dividia entre os 'brasileiros' e os 'de origem' – de ascendência alemã ou italiana, principalmente. Mas não era um estigma muito marcante, até porque não se aplicava a poucas pessoas apenas. Os casos um pouco agressivos eram isolados, em situações em que havia alguma animosidade. Não creio que tenha havido esforço especial de minha parte para diminuir as marcas de meu sotaque. De maneira geral, estudar 'português' era algo que eu fazia com prazer, sem pensar muito nos efeitos. E a questão do sotaque não era matéria escolar ... Líamos em voz alta e eventualmente éramos corrigidos em relação a certas marcas (os RRs, por exemplo). Acho que foi em torno da terceira série do então ginásio que minha vontade de ler e até certo ponto de escrever se tornou mais forte. Lia escondido. No seminário, havia horários fixos (e poucos) para ler literatura – eram as horas de 'estudo livre'. A maior parte do tempo era dedicada ao 'estudo sério', como se dizia. Eu levantava a tampa da carteira e lia meu livro, até que um padre abaixava a tampa, ora lentamente, ora com algum estrondo, para que todos vissem como eu era indisciplinado. Sobre a escrita: eu costumava resumir de tarde as aulas tidas pela manhã. Acho que foi uma prática que me ajudou muito. Por essa época, comecei a escrever um diário. Às vezes lamento ter queimado...

P. N. e C. P.: Poderíamos, agora, passar ao discurso, tendo ainda por base o seu memorial, mais especificamente na passagem em que você menciona os primeiros contatos com teorias da enunciação e dos atos de fala, a partir do início de seu mestrado na Unicamp, em março de 1974? Esses campos da linguística lhe despertaram grande interesse à época. Você acredita que, se tivesse feito já uma dissertação com base em Benveniste, Ducrot, Austin e Searle, e não em fonologia, como, de fato, ocorreu, acabaria por encontrar mais cedo a Análise do discurso em sua trajetória? Em todo caso, não foi assim que as coisas se deram. Esse encontro aconteceria alguns poucos anos mais tarde, com o convite que o Prof. Haquira Osakabe lhe fez para integrar um grupo de estudos em AD, no início de 1979. Você poderia relatar um pouco dessa experiência? Como era a dinâmica do grupo? Quais eram seus integrantes e os principais temas de interesse? O que vocês liam?

S. P.: Não posso 'prever' este passado... Minha relação com discurso tem a ver, de certa maneira, com Ducrot e Benveniste, e, especialmente, com a teoria dos atos de fala, pelo seu aspecto institucional, mas passa antes por dois outros caminhos. Em Ijuí, antes de sair para o mestrado na Unicamp, eu não só tinha lido *A ordem do discurso* (Foucault, 1999), como tinha feito uma tradução (precária) do texto, que colegas e eu comentávamos com nossos alunos. E eu frequentava um volume chamado *Estruturalismo: antologia de textos teóricos* (Coelho, s/d), que incluía Derrida, Foucault, Lacan, Barthes, Althusser, Milner, Badiou, Genette. Que eu lia bastante mal, certamente, mas lia e relia. E conhecia *Estruturalismo e teoria da linguagem* (Foucault, 1971), que contém (bem rabiscado) a 'Resposta ao círculo epistemológico', que prefigura *A arqueologia do saber* (Foucault, 1986). Além disso, um colega da filosofia fazia 'palestras' sobre Heidegger e Nietzsche. Passei a reler coisas de filosofia, que tinha sido minha graduação, se posso dizer isso. Em Campinas, em 1976, antes de voltar para Ijuí, li com Haquira uns textos sobre narrativa (duas amigas faziam mestrado com ele) e, de repente, ele propôs uma leitura de *A Ordem do Discurso* (Foucault, 1999). Então, dois anos depois, quando começaram os seminários com alguns professores do IEL reunidos pelo Haquira, eu já conhecia coisas que iam se encaixando aos poucos. Eu tinha feito pouco tempo antes uma resenha do livro do Haquira, derivado de sua tese (*Argumentação e discurso político* (Osakabe, 1999), que começava com Benveniste, mas logo atacava com o Pêcheux de *Por uma análise automática do discurso* (Pêcheux, 1997a). O livro é uma composição de três temas; os dois mencionados e um terceiro, que trata de retórica (outra iniciação), com análise de um *corpus* (discursos de Getúlio Vargas). Tem uma leitura finíssima dos atos de fala (o livro ainda deveria ser lido, e não só por razões de história da AD no Brasil). Nos seminários, líamos coisas variadas: fizemos uma leitura total (e crítica, digamos) de *Cohesion in English* (Halliday; Hasan, 1976), de vários textos do Benveniste, relemos trechos de Saussure etc. Alguns de nós fizemos análises de debates políticos, que começavam a ser transmitidos pela TV (as 'imagens' do Pêcheux eram uma entrada segura...). Nos seminários, havia umas rusgas, alguma intolerância. Por isso duraram pouco. Mas, de certa forma, foram decisivos para que eu abandonasse a área para a qual tinha sido contratado.

Mas o mais relevante eram os corredores do IEL. Havia um debate franco e público entre linguistas mais formalistas e mais 'humanistas'. Dascal, Franchi, Vogt, Ilari e Haquira representavam diferentemente essas posições. Havia mais de uma corrente sociolinguística funcionando nas aulas. Maurizio Gnerre disseminava uma linguística antropológica. Os textos de Dell Hymes sobre *code switching* me impressionaram bastante; acho que estão na base de meu doutoramento sobre estilo. E tinha aparecido a Claudia Lemos, que pesquisava

aquisição da linguagem num quadro ‘interacionista’ (não chomskyano, portanto) e mexia decididamente com dados. Isso foi muito importante. Havia frequentemente seminários internos, quantíssimos. Assim, ia se formando um caldo e se construíam demarcações. A instalação do doutorado em 1979 ajudou muito a fixar esta diversidade. Chegaram os alunos, que também tomavam partido. E havia a política: Maluf no governo, intervenção na Unicamp, a ditadura desaparecendo aos poucos. E divisões políticas internas claras, no IEL e na Unicamp, que atravessavam as opções e as filiações teóricas.

Também foi a época do paradigma, com Thomas Kuhn (na minha dissertação tem uma resenha dele, relevante para as análises da polêmica). Eu tinha lido em Ijuí, antes do mestrado, alguma coisa sobre epistemologia das rupturas (Bachelard, basicamente). Thomas Khun veio se somar a essa problemática, bem como a episteme de Foucault (ah, sim, eu li na época *As palavras e as coisas* (Foucault, 2000). Acho que eu disse no memorial que, a rigor, meu mestrado foi em Ijuí, antes de fazer o curso na Unicamp.

P. N. e C. P.: Aquele convite do Prof. Osakabe foi decisivo na inflexão de suas pesquisas e de sua carreira na universidade. Em 1986, você defendia sua tese de doutorado, cujo título é ‘*Discurso, estilo e subjetividade*’ e que seria publicada sob a forma de livro, dois anos depois, pela Martins Fontes (Possenti, 1988). No resumo da tese, lemos o seguinte: ‘Este trabalho é uma tentativa de propor um quadro geral no qual as atividades da Análise do discurso façam sentido para a linguística’. Por que as atividades da AD não faziam sentido para a linguística naquele contexto? Era a AD (os efeitos de definição e de generalização de ‘a AD’ resistem à prova, quando você pensa na eventual diversidade do que se praticava à época?) que não tratava de dados linguísticos ou era a linguística que não via que a AD tratava desses dados ou, ainda, ambas as coisas?

S. P.: Sim, as reuniões em torno do Haquira foram decisivas. Até seu fim foi decisivo. Mas houve outras coisas. Começava a circular no IEL um texto do Franchi (Linguagem: atividade constitutiva), que era de fato a introdução de sua tese. Funcionava como uma espécie de manifesto: era uma teoria ‘funcionalista’ da língua que exigia contexto, mas não como suplemento, não à moda da pragmática ou da sociolinguística. E exigia uma análise linguística fina. A ideia de que as línguas são constitutivamente indeterminadas era central (a forma e o sentido nunca estão em relação biunívoca). Anoto que ninguém seguiu a ‘gramática’ que Franchi propunha (era muito difícil...). Mas suas teses sobre linguagem, que dialogavam com diversas teorias linguísticas, psicológicas e antropológicas, influenciaram muita gente na época. Ele fazia um contraponto ao Chomsky, que Franchi admirava e combatia ao mesmo tempo; era uma espécie de seu outro. Depois Franchi foi fazer um pós-doutorado em Berkeley e seu relatório circulou entre nós (nunca mais se fez um relatório assim).

Minha avaliação da relação linguística / AD tem muito de circunstancial. Era a época da valorização dos contextos, da crítica do imanentismo ou do literal. Era a virada linguística. Mas se falava muito mais das condições externas do que dos enunciados. E a AD ainda era incipiente (embora já estivéssemos em 1980). Quando apareciam dados e análises, acho que as teorias se reforçavam. Daí, para mim, a importância de Dell Hymes.

Mas eu preciso voltar ao meu mestrado. Minha dissertação não foi propriamente em fonologia, mas sobre uma polêmica em fonologia, que na ocasião era quantíssima: a questão do grau de abstração das representações fonológicas, que implicava uma certa psicologia (um certo ‘homem’) e, portanto, uma certa ideologia. Numa ida à livraria Pontes, eu tinha descoberto o livro do Voloshinov (2017), *Marxismo e filosofia da linguagem* (na época, atribuído a Bakhtin). Eu também tinha lido um livro do Ponzio (1978), *Producción lingüística e ideologia social*, cujo subtítulo é ‘para una teoria marxista del lenguaje y de la comunicacion’ (recentemente traduzido pelo Faraco – Editora da UFPR). Este livro fundamentou as conclusões de minha dissertação – que combatia o Chomsky fonólogo inatista.

O livro aproximava Chomsky das teses cartesianas, certamente, mas também das ideologias ‘humanistas’ (era uma verdadeira análise do discurso). Ponzio comparava textos de Chomsky e textos dos fundadores dos Estados Unidos e mostrava que (hoje se diria) provêm da mesma formação discursiva. Também li, mas com menor dedicação, *El linguaggio come lavoro e come mercato*, de Ferruccio Rossi-Landi (1968). Ou seja, eu li uns marxistas antes de haver o grupo de estudos de AD no IEL. Ao lado deles, eu li cuidadosamente dois livros do Botha sobre o que hoje se chamaria de epistemologia: um dedicado à avaliação de teorias fonológicas e outro de teorias sintáticas. O alvo era basicamente Chomsky. Não posso esquecer que, de 1973 em diante, eu lia Foucault quase diariamente. Talvez pelo ritmo de sua escrita, isto é, por seu estilo.

P. N. e C. P.: Com a série de publicações que vai desde *Discurso, estilo e subjetividade* até seu livro mais recente *Experimentos em Análise do discurso* (Possenti, 2023), passando por *Os limites do discurso* (Possenti, 2002) e *Questões para analistas do discurso* (Possenti, 2009), entre outros, além de seus vários e importantes capítulos de livros e artigos publicados em periódicos especializados, você se tornou uma das principais

referências em Análise do discurso. O que você destacaria desse percurso que o levou a essa condição? Quais seriam seus principais pontos positivos e negativos?

S. P.: Nem sei se aceito essa qualificação – ser uma referência. Se ela for real, não consigo explicar. Entenderia melhor se fosse considerado uma referência negativa – que sei que sou para muitos. Minha posição na ‘comunidade’ da AD sempre foi marginal. Não faço parte dos grandes grupos, organizados basicamente em torno de um grande autor (Pêcheux, Foucault, Bakhtin). Nos últimos anos, de certa forma a partir da tradução de obras de Maingueneau (2005), como *Gênese dos discursos* e de coletâneas de seus textos *Cenas da enunciação* (Maingueneau, 2006) e *Doze conceitos em análise do discurso* (Maingueneau, 2010), que Cecília Perez e eu ‘organizamos’, houve muitos trabalhos derivados de obras desse autor. Também sei que quem não me lê me toma por mangenete (rsrs). Não tenho o mínimo ‘controle’ dessa agenda – como ocorre em outros casos. Parece que os conceitos de Maingueneau se impuseram por conta própria, por sua relevância. Como costuma dizer, ele tenta ‘modelizar’ a AD, fornecer ferramentas de análise. Pessoas de capacidade precária como eu precisam de metodologias mais claras. Mas eu não me considero um seguidor de Maingueneau; o que vejo nele são bastantes conceitos claramente ‘aplicáveis’ em análises.

Em torno de 2010, Fernanda Mussalim organizou um seminário na UFU para ler os textos de *Cenas da enunciação* (Maingueneau, 2006). O seminário tinha esse mesmo nome, e se manteve e foi assumido pelo grupo. Estamos na décima edição. Nos reunimos para ler textos que ainda não foram lidos, textos que estão chegando; ou textos paralelos, como os de Byung-Chul Han. Os seminários às vezes são assumidos por programas de pós-graduação. Eles tiveram um papel importante, porque eventualmente disparam trabalhos nos programas.

Voltando ao Maingueneau: muita gente que não conhece se vale de conceitos dele em seus trabalhos – artigos, dissertações, teses. Um bom exemplo é o conceito de ethos: variadas teorias o levam em conta, claro, mas quem o introduziu na AD foi Maingueneau, já em 1984. Acho que a tradução de *Imagens de si no discurso* (Amossy, 2005), organizado por Ruth Amossy, que Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e eu fizemos, foi um ponto de partida. Por essa época, criou-se no IEL um Centro de pesquisa (FEsTA – Fórmulas e estereótipos: teoria e análise), que reuniu inicialmente meus orientandos e depois se expandiu. Acho que o convênio PROCAD financiado pela CAPES entre o IEL e a UEM – que eu coordenei pela Unicamp – deu uma força grande ao projeto. Logo depois, Luciana Salazar Salgado e eu traduzimos uma obra de Alice Krieg-Planque (2010), (*A noção de ‘fórmula’ em análise do discurso*), que foi um sucesso, no sentido de que produziu muitos trabalhos em espaços muito diversos. Pouco depois, também se traduziu *Frases sem texto*, de Maingueneau, que trata de um fenômeno discursivo peculiar, que atravessa os tempos e os campos (literário, filosófico, midiático...), ‘útil’ teórica e metodologicamente, especialmente porque permite organizar *corpus* de análise, que cada um faz depois seguindo seus autores prediletos: pode-se privilegiar seus sentidos, seu interdiscurso, sua disseminação, as polêmicas que geram etc. De certa forma, ‘testei’ alguns desses conceitos novos, e alguns de meus trabalhos reunidos em livro têm essa marca. Dou um exemplo meio radical dessa circulação: em outubro de 2022, saiu a tradução de *Enunciados aderentes*, de Maingueneau (2022). E já em março de 2023, num evento na UFSCar, no qual o autor deu um minicurso, entre os ouvintes estavam um mestrando e sua orientadora, que trabalhavam numa dissertação sobre ... enunciados aderentes. Aproveito para dizer que considero que este é um conceito poderoso, que ajuda a abrir um novo espaço, que propõe novos objetos de análise cruciais para nossas sociedades.

Alguns autores começaram a circular entre analistas do discurso um pouco a partir do FEsTA, com os seminários *Cenas da Enunciação*. Krieg-Planque nem seria conhecida sem o FEsTA. Do conceito de ‘fórmula’ saíram diversas teses e dissertações, coletâneas de artigos etc. A origem disso era uma breve observação de Maingueneau sobre unidades tópicas e não tópicas (questão que achei pessoalmente relevante e que me fez ir atrás da tese da Planque e depois traduzir com a Luciana o livro mencionado). Recentemente, a editora da UFU publicou uma ‘introdução’ à AD da mesma autora, *Analisar discursos institucionais* (Krieg-Planque, 2018), traduzido por Luciana S. Salgado e Helena Boschi, que deveria ser leitura obrigatória para quem quer entrar na área. Outra autora que nos ‘deve’ muito é Marie-Anne Paveau, embora sua circulação no Brasil como analista do discurso tenha começado em outro espaço. Mas a simples ocorrência da palavra ‘cognição’ no título de um livro dela provocou arrepios, pelo que soube. Ora, a leitura do livro mostra que não se trata da mesma cognição que a AD combate, mas sim da ‘cognição distribuída’ – que deveria, eu acho, ser incorporada depressa pela AD (assim como incorporou a memória), porque esse parece ser seu espaço natural. O FEsTA fez um seminário para estudar o livro; algumas pessoas do grupo gostaram muito dele e o fizeram funcionar em trabalhos posteriores. E depois veio outro livro, *Linguagem e moral* (Paveau, 2015), e mais outro sobre a Internet etc.

A tal da minha condição a que vocês se referem na pergunta, se é que tem algo de verdade, se deve talvez aos escritos que produzi, às teses e dissertações que orientei e às aulas. As orientações nunca foram ‘dogmáticas’. Seguíam literatura diversificada, dependendo do objeto dos trabalhos – e dos interesses dos alunos. Acho que isso se espalha. E se compara. Alunos conversam. Para o bem e para o mal. Sei que há quem diga ‘mas ele lê (segue) o Maingueneau!’ (e dizem sem lê-lo, claro). Mas também há quem diga que ofereço alternativas vivas, que não ‘obriço’ a seguir autores nem proíbo outros. Meus cursos não são dogmáticos (nunca digo que as outras teorias não são AD – principalmente se não as conheço!). Meus orientandos não precisam fazer uma exegese especial dos textos originais para analisar objetos que nem existiam quando as teorias foram propostas (digamos, um pouco jocosamente, Foucault / Pêcheux / Bakhtin e os memes), questão que exige uma interpretação (‘adequação’) das teorias.

Talvez uma especificidade de minha posição seja que nunca aceitei pacificamente a tese do assujeitamento do sujeito derivada da interpelação tal como formulada por Althusser e retomada como um mantra. Acho que encontrei autores (De Certeau, Bourdieu, Freud, Granger, Deleuze...) que oferecem uma saída sem retomar o sujeito ‘da intenção’ (o papo da ilusão de estar na origem do sentido me cansou bem cedo). Minha incursão pelos textos humorísticos fortaleceu minha posição – é meio difícil encontrar o assujeitamento nas piadas, seja na leitura, seja na produção, porque são o lugar do equívoco e estão fora da obrigação de dizer assim e assado. Sem contar, claro, que li e levei a sério o Pêcheux de ‘Só há causa daquilo que falha’ e de *Discurso: estrutura e acontecimento* (Pêcheux, 1997b). E principalmente, ainda antes, o Althusser de *Processo sem sujeito e sem fim(s)* (Althusser, 1973), que nunca vi citado.

P. N. e C. P.: Em sua produção intelectual, se destaca, ainda, o conjunto de seus trabalhos sobre o humor, analisado numa abordagem discursiva. Dentre eles, mencionamos *Os humores da língua* (Possenti, 1998) e *Humor, língua e discurso* (Possenti, 2010). Por que e quando surgiu esse seu interesse pelo humor como objeto de pesquisa? Quais seriam as principais contribuições desses seus trabalhos tanto para a AD quanto para os estudos do humor? Eles concorreram para a confirmação de sua posição, segundo a qual é preciso problematizar e avançar em algumas teses excessivamente repisadas em AD?

S. P.: Nem sei bem como o humor me interessou no início, a não ser pelo fato de que sempre curti piadas e coisas parecidas. Que eu lembre, ocorreu-me que seria um espaço em que discursos proibidos (sempre *A Ordem do discurso* (Foucault, 1999)) poderiam ser veiculados. Por ‘pressão’ do Marcuschi, apresentei um projeto ao CNPq, e foi sobre humor. Foi recusado. Então decidi estudar um pouco mais para redigir um recurso. Foi quando retomei Freud (Os chistes e sua relação com o inconsciente), de que me valera na tese, e logo depois Bergson. Como Freud faz análises detalhadas e explícitas (parecia um linguista!), tomei essa atitude como o meu desafio: analisar piadas como um linguista (me ocorreu ‘lute como uma garota’). Isso aparece principalmente nos trabalhos que reuni em *Os humores da língua* (Possenti, 1998). Eu levava materiais desse tipo para as aulas: selecionava piadas como exemplos – e as analisava. E há piadas sobre todos os temas e para todos os gostos e sobre todos os problemas linguísticos – fonologia, morfologia, sintaxe, dêiticos, anáforas, ambiguidades de todos os tipos, violação de regras conversacionais etc. Orientei monografias e trabalhos de pós-graduação relativos a temas ‘sociais’ – por exemplo, piadas de loiras, de casais –, mas eu ‘exigia’ as análises linguísticas, e não apenas uma sociologia (ou psicanálise etc.) precária. Por um tempo, em cada seminário do GEL eu apresentava um trabalho sobre humor. Poucos linguistas estudavam humor na época – hoje são legião. Este trabalho me obrigou a considerar ‘corpora’... coisa que eu não tinha feito no mestrado nem no doutorado. Assim, descobri as delícias do *corpus*! Como é fácil fazer um artigo analisando, digamos, cinco piadas bem escolhidas! E logo me dei conta de que este é um excelente material para a AD: tem ‘real da língua’ e ‘real da história’, memória de diversas dimensões, inconsciente etc. E há um certo domínio do sujeito sobre o que ele fala. Freud separa muito bem o ato falho da piada, por exemplo: o ato falho escapa ao sujeito, a piada, não: o sujeito quer fazer uma piada e sabe ‘onde’ ela está ‘no texto’ (é quando o humorista espera o riso). A diferença entre a ingenuidade da criança que separa uma sequência (pensa que em ‘nublado’ há duas ‘palavras’, como em ‘no [nu] quarto’ e ‘no [nu] pátio’, por exemplo) e um certo saber ‘consciente’ do sujeito chistoso é fundamental. Isso me ajudava na campanha por um sujeito que atua nas brechas do sistema, que não tem nada a ver com o ‘cogito’, pelo contrário, porque é Freud quem destrói a unidade do sujeito. E talvez estudar humor tenha me dado mais notoriedade do que fazer análise do discurso... Muitas vezes achei que as pessoas iam me ouvir nos eventos por causa das piadas que eu ‘contaria’. Aliás, devo anotar que muitos dos materiais que colecionei foram presentes que pessoas trazem de viagens e agora me mandam pelas redes sociais!

P. N. e C. P.: Há ainda uma espécie de terceiro núcleo no conjunto de seus trabalhos, em que poderíamos inscrever aqueles dedicados à gramática e à leitura. Você tratou já há relativamente bastante tempo do ensino

de gramática, em *Por que (não) ensinar gramática na escola* (Possenti, 1996), e de certa concepção ‘pluralista’ da leitura, em seu artigo original e importante ‘A leitura errada existe’ (Possenti, 1999). O que você destacaria de cada uma dessas publicações? Quem eram os aliados e os adversários da posição que você defende nesses trabalhos?

S. P.: Logo depois do mestrado, comecei a militar no campo do ensino, tentando, basicamente, divulgar aspectos das teorias variacionistas e fazendo propostas de análises gramaticais alternativas. Participei de cursos de extensão e, ainda em Ijuí, comecei a escrever sobre língua no jornal local. Os professores da cidade não gostaram muito, mas encontrei populares (comerciantes, por exemplo) que entenderam muito bem o que eu queria dizer. De volta a Campinas, participei de projetos promovidos pelo governo do Estado, e escrevi uns textos sobre questões em torno da gramática e de seu ensino. Andei muito por aí para falar sobre esse tema, tentando fazer com que a gramática deixe de ser um bicho de sete cabeças, e pregando também alguma flexibilidade. Mas, especialmente, propunha análises alternativas ou melhores. Dou um exemplo: no Facebook, há quem, para ‘ajudar’, fornece regras do tipo ‘entre’ exige pronomes oblíquos’ e dá como exemplo, ‘entre mim e ele’. Ora, ‘ele’ não é um pronome oblíquo. Se ‘entre’ exige mesmo oblíquos, a construção deveria ser ‘entre mim e lhe / o / nos / vos’. Também provoco: por que não dizer que o fenômeno está ligado a todas as preposições? A norma padrão exige ‘de mim / de ti’ (não ‘de eu / tu’), ‘para mim / ti’, ‘por mim / ti’, ‘antes de mim / ti’ etc. Por que a fixação com ‘entre’? E por que continuar repetindo a regra solta, se ninguém a adota? *Por que (não) ensinar gramática na escola* (Possenti, 1996) nasceu de dois textos que eu usava nas palestras para professores. Contém um conjunto de ‘verdades’ banais, mas que não fazem parte dos currículos de muitos cursos de letras e de pedagogia. Também publiquei *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido* (Possenti, 2011), com muitos exemplos de aulas alternativas possíveis, muito inspiradas em trabalhos do Geraldi e do Franchi (que escreveu documentos incríveis para a Secretaria de Educação de São Paulo e que eu reuni em *Mas o que é mesmo gramática?* (Possenti, 2006), também publicado pela Parábola. Mas meu trabalho mais significativo nesse campo, eu acho, foi escrever durante 15 anos uma coluna semanal sobre alguma questão de língua, antes no *Jornal de Jundiaí*, depois num site chamado *Primapagina* e finalmente no portal *Terra magazine*. Às vezes entrava em alguma polêmica – como a do livro que ‘ensinava errado’. Escrevi durante um bom tempo uma coluna mensal na revista *Ciência hoje* e uma coluna também mensal na revista *Língua portuguesa*. Tudo isso era, de certa forma, divulgação da linguística. E nesses espaços tinha leitores não linguistas.

P. N. e C. P.: Voltemos novamente ao seu memorial. Nele, você afirma que seu *Questões para analistas do discurso* (Possenti, 2009) se propõe a combater ‘o ecletismo’ e a defender a necessidade de se fazer análises nos trabalhos em AD: o ‘que muita gente se esquece de fazer’. Adiante, você aponta o ‘ecletismo excessivo’ como um dos principais problemas em boa parte dos artigos que avalia. Porém, nos últimos anos, vimos de modo geral os pesquisadores do discurso se organizarem, inclusive institucionalmente, em torno de autores que conferem certa identidade a diversos grupos. Na ANPOLL, por exemplo, há o GT de Análise do discurso, que reúne colegas que trabalham com Michel Pêcheux, o de Estudos Bakhtinianos e o de Estudos discursivos foucaultianos. Seu *Experimentos em análise do discurso* (Possenti, 2023) foi publicado já nesse contexto. Na introdução do livro, lemos o seguinte: “Por que ‘experimentos’? Porque acho que os textos são isso mesmo. Não me agrada (não consigo) seguir um autor, morrer por ele. O que me atrai são os conceitos” (Possenti, 2023, p. 7). Você acredita que o problema do ecletismo excessivo diminuiu, que uma formação endógena, talvez excessivamente endógena, está se configurando nos trabalhos em AD e que muitos trabalhos continuam a não analisar devidamente seus dados?

S. P.: Não leio todos os trabalhos, claro. Mas, nos que leio, uma coisa que se repete é muita resenha (que acrescenta pouco, é mais o resumo de uma doutrina na sua versão mais estabilizada e que às vezes não é feita a partir dos textos originais, mas dos textos de um professor ou colega) e pouca análise. Uma dissertação pode ter 100 páginas e analisar meia dúzia de dados breves ou duas reportagens (ou uma!). Leio projetos que são na maior parte resenhas e que se propõem a analisar um problema (a agressividade ou a censura nas redes sociais, por exemplo), mas não informam nenhum caso de censura nem de agressividade. Nem, claro, oferecem esboços de análise para que o leitor possa dizer: ‘essa pessoa sabe analisar’. Propõem selecionar o *corpus* numa certa fase do projeto e publicar os resultados. E se não houver nada? Há análises que são paráfrases ou resumos do ‘texto’ analisado. Inscrevem-se numa teoria X, mas nem sempre a análise ‘aplica’ os conceitos da(s) teoria(s) que foram resenhados. Ainda há misturas de Pêcheux e Foucault, por exemplo, e não sobre a relevância da história, mas sobre o sentido...

Sim, acho que há muita endogenia. Vejo isso fundamentalmente nas bancas e nos congressos (nesses, os simpósios tendem a reunir iguais). Talvez nos concursos. As bancas são geralmente uniformes. Não significa

que não haja debates nem que se ‘passe a mão na cabeça’. Longe disso! Mas não surge a possibilidade da controvérsia, uma posição diferente, uma análise alternativa, uma pergunta do tipo ‘porque tal conceito não aparece?’. Por exemplo, há teorias para as quais o gênero não existe (porque ele é bakhtiniano), ou em que nunca se falou de simulacro, sempre presente nas polêmicas (porque ele é do Maingueneau) ou se analisa uma fórmula sem mencionar o conceito (porque é coisa da Krieg-Planque). A circulação só se tornou canônica há cerca de 10 anos (!), mas Maingueneau falava dela em 1984! Não só falava dela, mas a condicionava à formação discursiva (ou aos campos), porque nem tudo circula do mesmo jeito ou nos mesmos lugares.

P. N. e C. P.: Observamos que, com relativa frequência, você tem feito postagens e comentários numa rede dita social. Com boa dose de singularidade e por vezes em tom provocativo, ora você trata de política, ora de discurso, de língua e de temas mais cotidianos. A partir dessa sua experiência como usuário dessa rede, de sua própria observação sobre o discurso digital e ainda do que tem sido proposto por analistas a seu respeito, você acredita que o universo online impõe reformulações em postulados fundamentais da Análise do discurso?

S. P.: Diria que sim. Talvez não uma reformulação, mas uma especificação, uma ‘adaptação’. Diversas teorias apresentam conceitos que têm muito a ver com o *corpus* que privilegiam. Bons exemplos são Courtine (sua formação discursiva parece desenhada para o discurso comunista dirigido aos cristãos; a memória, conceito fundamental, para uma análise diacrônica como a que ele fez); Maingueneau (a polêmica, a semântica global e o simulacro têm muito a ver com a longa polêmica que analisou; frases sem texto tem a ver com o fenômeno, é óbvio, assim como os enunciados aderentes); Foucault até um certo ponto é para os discursos de saber / poder; os dispositivos servem para questões específicas (ele não pensou isso para mídia, acho, mas podemos ‘adaptar’, provavelmente); seu conceito de autor (qual aspecto?) vale nas redes sociais? Mas onde está a obra? Bakhtin forjou certos conceitos antes de tudo para a literatura, parece; pode valer para as redes / os memes? Krieg-Planque teorizou a fórmula: vale para o que mais? Para os temas? Todos esses conceitos se expandem (às vezes se diluem) e acho que precisam de um trabalho de compatibilização com novos ‘corpora’. Mencionei acima, um pouco jocosamente, Foucault (e outros) e os memes. Você quer Foucault nas análises? Faça os memes caberem na obra de Foucault (nesse caso, acho que não adianta muito falar da fase genealógica). Dou um exemplo “real”, sem nenhum compromisso, porque nunca analisei nem li muito sobre Internet: Maingueneau propõe que, em muitos espaços da internet, não há mais gêneros (os bakhtinianos deveriam entrar no debate), só cenografias (teríamos que começar por sua proposta sobre a Cena da enunciação). Na mesma direção: se a gente quiser dizer que uma propaganda é um gênero e que um gênero é relativamente estável, como reconhecer uma propaganda? Um jipe subindo montanhas enquanto uma voz em off profere um discurso sobre liberdade ou sobre o agro? Citações de falas de Tite sobre mérito terminando com o logo de um banco? Acho que ainda podemos inscrever enunciados publicados no Facebook em formações discursivas e tratar de dispositivos e de memória, por exemplo, mas não sei o que dizer sobre o sujeito ou sobre autor (sem contar que a interpelação não é um universal do discurso e que Buttler fez uma revisão crítica fina desse conceito). Han diz que, na contemporaneidade, o sujeito é assujeitado a si mesmo. E então, como ficamos? Olhar para o sujeito medicalizado não é como olhar para o interpelado por uma ideologia, mas não vejo citações de Joel Birman ou Roudinesco sobre isso, por exemplo. Na Internet há muitas frases sem texto, em geral frases piedosas, consoladoras, otimistas, salvadoras, ora com autor (muitas vezes falso), ora sem autor. Ou seja: são problemas novos? Ou são os mesmos discursos, só que estão nas redes?

P. N. e C. P.: Nossa última questão também se baseia em algumas passagens de seu memorial elaborado para o concurso para professor titular. Nessas passagens, você fala com bastante respeito, admiração e reconhecimento de professoras e professores que tiveram papel importante e, às vezes, decisivo em sua formação. Dona Jacy, seu Dálcio e dona Nelci, nos primeiros anos escolares; padre Baggio e frei Fidélis, já em sua graduação em filosofia na PUC, em Curitiba; Dinarte Belato e Ingo Voese, em sua passagem por Ijuí; e, finalmente, Haquira Osakabe, Bernadete Abaurre e Carlos Franchi, já no mestrado e no doutorado na Unicamp. Você poderia comentar a presença e a importância desses e de outros de seus mestres em sua vida?

S. P.: Dos três primeiros mencionados, destaco dois: Dona Jacy e Seu Dálcio. Dona Jacy, além de me alfabetizar, deu-me uma atenção especial, que só compreendi depois: quando eu acabava de fazer a tarefa, ela vinha para meu lado e me ensinava coisas. Eu não sabia bem o que eram. Só entendi mais tarde. É que, depois que saí do exame final do ano da alfabetização (a gente chamava de cartilha), ela me disse que eu deveria voltar no dia seguinte e levar uma caneta (até então, só usava lápis). Conte isso em casa, ninguém entendeu, mas fui para a escola no dia seguinte, com uma caneta (que vazou muito). Para minha surpresa, entrei para fazer a prova do primeiro ano, isto é, da turma seguinte, que eu nem frequentara. Bem, eu passei (pouco os

detalhes). Assim, fiz dois anos num só, graças às ‘aulas particulares’ de Dona Jacy. Seu Dácio me ajudou em três coisas: seu sotaque de Florianópolis permitiu que eu nunca errasse grafias dos róticos em ditados, fato comum para descendentes de italianos; com ele aprendi os rudimentos da análise sintática (não entendo que alguém não entenda); e foi ele quem convenceu meu pai de que devia dar um jeito de me fazer estudar, o que significou eu ir para um seminário um ano mais tarde (a alternativa era a roça), no final do terceiro ano. Com Padre Baggio aprendi que cada livro da Bíblia tem uma história, isto é, suas condições de produção. Jó, por exemplo, é uma discussão sobre por que o mal pode afetar o justo; nessa época, ainda não se fala em alma (é preciso esperar os gregos) nem em paraíso ou inferno, de forma que o prêmio ou o castigo são conferidos na vida terrena, na forma de filhos, ovelhas e camelos. Frei Fidélis apresentou ironicamente uma Igreja histórica; e a fé se esvaía com suas aulas (eu estava cursando teologia), diante de tanta bandalheira. A Bernadete me orientou no mestrado, me deu liberdade total e a bibliografia que eu devia ler; e me fazia perguntas (talvez tenha aprendido com ela a orientar, se é que aprendi). Ouvindo o Franchi (ele falou muito para mim na sala à qual eu chegava), dispensei-me de fazer muitas leituras e construí uma grande admiração por ele, pessoal, intelectual e política. E suas aulas, faladas, óbvio, pareciam escritas de tão ordenadas – e ele não consultava nada. Com Haquira aprendi conceitos da AD e uma ética do trabalho. Nos últimos tempos dele, gostava do fato de ele ir a minha casa para ‘testar’ sua vontade de reagir ou não a decisões dos governos de Lula.

Dinarte Belato era o filósofo de Ijuí, e, embora eu tivesse um diploma em filosofia, foi com ele que saquei o que é isso, especialmente a relação de cada autor ou escola com a história e com outros autores e escolas. Me ensinou a ler epistemologia. O Ingo simplesmente me apresentou a linguística. Ironicamente, bem mais tarde, fui tutor dele num pós-doutorado, quando escreveu um livro sobre como a mídia tratava o MST. Continuei aprendendo com ele, lendo e debatendo o que escrevia.

Deveria mencionar outras pessoas, talvez. Pelo menos Marcelo Dascal, com quem fiz um curso luminoso de história da ciência e outro de pragmática. Mais tarde, conheci sua grande sacada epistemológica: o que faz a ciência “avançar” são as controvérsias, das quais sinto tanta falta em nosso campo, no qual cada grupo está na sua e só se expõe aos pares. Bem, até para esse fenômeno, *A ordem do discurso* (Foucault, 1999) pode voltar a ser citada: afinal, trata-se das sociedades de discurso. E para entrar nelas... etc.

Agradecimentos

Os trabalhos realizados por Sírío Possenti, Pedro Navarro e Carlos Piovezani contam com o apoio de bolsas de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Por essa razão, entrevistado e entrevistadores registram aqui seu agradecimento ao CNPq pela concessão dessas bolsas.

Referências

- Althusser, L. (1973). *Réponse à John Lewis*. Paris: Maspero.
- Amossy, R. (2005). (Org.) *Imagens de si no discurso*. São Paulo, SP: Contexto.
- Coelho, E.P. (s/d). *Estruturalismo: antologia de textos teóricos*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Foucault, M. (1971). *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Foucault, M. (1986). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense.
- Foucault, M. (1999). *A ordem do discurso*. São Paulo, SP: Edições Loyola.
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Foucault, M. (2007). Os intelectuais e o poder. In M. Foucault, *Microfísica do poder* (p. 70-71). Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal.
- Halliday, M. A. K., & Hasan, R. (1976). *Cohesion in English*. New York: Longman.
- Maingueneau, D. (2005). *Gênese dos Discursos*. Curitiba, PR: Criar Edições.
- Maingueneau, D. (2006). *Cenas da Enunciação*. Curitiba, PR: Criar Edições.
- Maingueneau, D. (2010). *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Maingueneau, D. (2022). *Enunciados aderentes*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Navarro, P., & Possenti, S. (2012). *Estudos do texto e do discurso: práticas discursivas na contemporaneidade*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.

- Osakabe, H. (1999). *Argumentação e discurso político*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Krieg-Planque, A. (2010). *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Krieg-Planque, A. (2018). *Analisar discursos institucionais*. Uberlândia, MG: EDUFU.
- Paveau, M-A. (2015). *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Campinas, SP: Unicamp.
- Pêcheux, M. (1997a). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, M. (1997b). *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes.
- Piovezani, C., & Possenti, S. (2023). Linguística do discurso. In G. Othero, & V. Flores (Orgs.), *A linguística hoje: múltiplos domínios* (p. 119-128). São Paulo, SP: Contexto.
- Ponzio, A. (1978). *Producción lingüística e ideologia social*. Madri, ES: Corazon editor.l
- Possenti, S. (1988). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Possenti, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: ALB. Mercado de Letras.
- Possenti, S. (1998). *Os humores da língua*. Campinas, SP: Mercado das Letras.
- Possenti, S. (1999). A leitura errada existe. In: Barzotto, V. H. (Org.), *Estado de leitura* (p. 169-178). Campinas, SP: ALB/Mercado de Letras.
- Possenti, S. (2002). *Os limites do discurso*. Curitiba, PR: Criar Edições.
- Possenti, S. (2006). *Mas o que é mesmo gramática?* São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Possenti, S. (2010). *Humor, língua e discurso*. São Paulo, SP: Contexto.
- Possenti, S. (2009). *Questões para analistas do discurso*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Possenti, S. (2011). *Questões de linguagem: passeio gramatical dirigido*. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- Possenti, S. (2020). *Memorial*. Recuperado de <https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/11/Memorial-Sirio.pdf>
- Possenti, S. (2023). *Experimentos em análise do discurso*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores.
- Possenti, S., Curcino, L., & Piovezani, C. (2020). *Retorno a Reims*. Recuperado de <https://aterraeredonda.com.br/retorno-a-reims/>
- Rossi-Landi, F. (1968). *Il linguaggio come lavoro e come mercato*. Milano, IT: Bompiani.
- Voloshinov, V. (2017). *Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo, SP: Editora 34.